

VIII Simpósio Nacional de História Cultural  
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA  
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**O AMOR CUSTOMIZADO E AS QUESTÕES DE GÊNERO NA  
CONTEMPORANEIDADE**

Mariana Sabino Petean Galvão\*

**O HOMEM, O AMOR E A SOCIEDADE**

Na perspectiva sociológica de Émile Durkheim (1999), considerado o pai da sociologia compreendida como ciência, o que assegura a continuidade de uma sociedade é a adaptação de seus indivíduos ao processo de socialização. Ou seja, quando eles são capazes de assimilar valores, hábitos e costumes característicos do grupo social a qual pertencem. Durkheim afirma que as mentes individuais são dotadas de duas consciências: a individual e a coletiva. A primeira, dá liberdade de ação ao indivíduo de acordo com a sua conveniência, enquanto a segunda estabelece às suas ações e intenções, as normas ou princípios éticos, morais e legais que devem ser seguidos pelos grupos que compõem a sociedade. Para o autor, a consciência coletiva é interpretada pelo “conjunto das crenças e sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade” e habita as mentes individuais, orientando a conduta de cada indivíduo (DURKHEIM, 1999, p.50).

---

\* Mestranda do Programa de Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Especialização em Administração e Organização de Eventos pelo SENAC - Centro de Educação em Turismo e Hotelaria e Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. [mariana.sabino@gmail.com](mailto:mariana.sabino@gmail.com) São Paulo – SP – Brasil.

Essa consciência coletiva traz consigo as crenças e os sentimentos comuns à maioria dos membros de um mesmo grupo social, coagindo os indivíduos a se comportarem de acordo com suas regras estabelecidas. Por outro lado, ao traduzir significados de uma coletividade que o cerca, o homem moderno, por meio de seu entendimento individual dos fatos sociais, utiliza-se de sentidos comuns<sup>1</sup>, o que lhe conforta e esclarece seu espaço na sociedade; haja vista que esta já não possui um eixo comportamental seguido por todos. Por sua vez, Giddens (1991), em sua obra “As consequências da Modernidade”, constata que a erosão das tradições no mundo contemporâneo, percebida sobretudo na cultura ocidental, permitiu aos indivíduos conduzirem suas ações com muito maior liberdade, fazendo escolhas que os definem e que constroem a sua própria identidade.

As diferentes formas de expressão e a relevância das particularidades estimuladas pelo movimento Romântico, nos últimos anos do século XVIII e nos primeiros anos do século XIX, promoveram uma ruptura com as normas tradicionais, valorizando o caráter contestador do homem e a conscientização de sua singularidade. Em uma dimensão subjetiva, a conjuntura social é compreendida a partir desse período pela busca do homem por uma vida sentimental rica e variável em sua particularidade. Ainda neste mesmo século, a preservação da autonomia é compreendida no âmbito da sexualidade, apresentando novos valores conjugais.

A ausência de discursos normatizadores e a diversidade das configurações conjugais contemporâneas permitem que homens e mulheres não somente reproduzam modelos sociais, mas inventem novas formas de relacionamento e parcerias amorosas, ou seja, customizem<sup>2</sup> suas relações. O rompimento com os paradigmas de amor romântico possibilita a homens e mulheres uma despreocupação com as conjunturas de relacionamento adequadas aos seus gêneros.

## **A IDENTIDADE DOS GÊNEROS**

O conceito de gênero vem sendo discutido nessas últimas décadas como parte de uma ideologia oriunda dos discursos intelectuais feministas dos anos 60 apoiados na

<sup>1</sup> Compreendidos como representações sociais que são dadas e internalizadas pelos indivíduos.

<sup>2</sup> Termo traduzido do inglês “customize” que caracteriza a alteração de algo aos requisitos de alguém, personalizar de acordo com as suas necessidades. Neste artigo, o termo foi utilizado como um correlato dos verbos personalizar e singularizar, aproveitando-se da contemporaneidade do termo que também sugere a uma apropriação de diferentes ideais e valores adaptados a um grupo ou a alguém.

filosofia marxista de opressão de classes do final do século XIX. A teoria social marxista, sob a ótica dos fenômenos sociais e as suas determinações políticas, econômicas e culturais, possibilita uma análise crítica acerca das relações sociais representativas, dentre elas as de gênero. Destarte, ao analisar a subordinação da mulher sob diferentes aspectos, o pensamento marxista contribui com o movimento feminista de emancipação e superação da mulher. Friedrich Engels, em seu livro “A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado”<sup>3</sup>, corrobora esse pensamento de antagonismo homem e mulher.

Utilizando-se também das palavras de Marx em sua obra, Engels aponta caminhos para a superação desta opressão milenar do sexo feminino pelo masculino. Para Engels:

o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. (ENGELS, 2010, p.87).

Com base nesta premissa, pensamentos feministas fundamentaram-se nas teorias de Marx e Engels ao longo do último século e, desde então, há um avanço das discussões sobre a ideologia de gênero. No movimento feminista, “as principais propostas estão voltadas às mudanças nas relações de poder tanto no âmbito público como no privado, procurando abolir qualquer forma de dominação-exploração no conjunto das relações sociais” (CARLOTO, 2001, p.211).

Carloto (2001), em sua reflexão sobre a constituição das relações de gênero, afirma que as identidades dos homens se constroem por meio das suas relações com o mundo e com os seus semelhantes:

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal, uma história de vida e um projeto de vida. Neste processo, o fato de se pertencer a um gênero ou outro, ser menino ou menina também conformam as referências iniciais no mundo. (CARLOTO, 2001, p.204)

<sup>3</sup> “Neste amplo trabalho de reconstituição da formação histórica da civilização por intermédio do método de análise materialista, Engels identifica a passagem do comunismo primitivo, com a predominância do matriarcado, para os primórdios da sociedade moderna, com ascensão do patriarcado, fundamentado na propriedade privada, como um ponto chave para entender o papel destinado à mulher na nossa sociedade. [...], a instituição do casamento monogâmico aparece na história como a consagração deste jugo masculino sob formas culturais, morais e jurídicas”. (MEDINA, 2013, p.486)



Para a autora, a conjectura social de que as pessoas devem agir de acordo com as suas predicções, produz uma identidade não autêntica, ou seja, uma “consequência e condição das relações sociais” (CARLOTO, 2001, p.204). E a perda da autenticidade do homem pode se dar não só pela busca de identidade por meio de uma significação coletiva como também pela objetivação do seu gênero.

Ademais, Carloto (2001) corrobora o pensamento de Saffioti (1992), relacionando o conceito de gênero ao desenvolvimento das noções de masculino e feminino como construção social. Para Saffioti “cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia”. (SAFFIOTI, 1992 apud CARLOTO, 2001, p.203).

Na contemporaneidade, a discussão sobre a dualidade de gênero é questionada por diversas vertentes epistemológicas, ao considerarem o sexo biológico e a identidade sexual não-congruentes, ou seja, independentes na concepção do indivíduo em relação ao seu gênero. O que era considerado identitário dentro da dicotomia masculino-feminino, hoje abrange homossexuais, lésbicas, transexuais, travestis e outras formas de identificação que se distinguem dos termos homens ou mulheres. Contudo, as interações sociais entre esses indivíduos ainda permanecem estabelecidas na História com base em sua natural procriação, provinda da intervenção conjunta dos gêneros, o masculino e o feminino. Mesmo que significativamente diferenciados por sua identidade e orientação sexual, os indivíduos sofrem caracterização por meio de um senso comum de identificação, muitas vezes privando-os de autenticidade e transformando-os em estereótipos.

Não obstante a dicotomia masculino e feminino ainda ser determinante na classificação de gênero, na atualidade, a conjuntura social de valorização da sexualidade e da liberdade de escolha permite novas configurações de parcerias amorosas. A possibilidade de arbítrio do indivíduo sobre o próprio corpo e a sexualidade adotam a não relevância do gênero na identificação de seus ideais de relacionamento, bem como um desejo de genuinidade em suas emoções.

#### **A PLASTICIDADE DO AMOR CONTEMPORÂNEO**

No final do século XVIII os ideais de amor romântico incorporaram elementos de paixão, distinguindo-se em significados socialmente desejáveis. Enquanto o primeiro se articulou no amor sublime e afetuoso, a paixão qualificou-se como libertadora,

quebrando a rotina e valorizando o desejo e a sexualidade. Essa análise de Giddens (1995), em sua obra “Transformações da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas”, também considera que nesse momento promoveu-se uma ênfase à dimensão da privacidade e das relações estabelecidas na intimidade, concedendo ao homem a construção de sua própria história de maneira individualizada. Homens e mulheres passaram a identificar-se como sujeitos ativos na intimidade presente em suas relações afetivas. O que antes era visto como um compromisso de ideal futuro torna-se efetivamente uma parceria em uma narrativa de troca, porém ainda reforçada pelas diferenças estabelecidas entre masculinidade e feminilidade, latentes na concepção de casal romântico.

No decorrer do século XIX, os ideais românticos projetados por casais cuja intimidade era caracterizada pelo desejo de exclusividade e plenitude da relação, perdem força para uma nova condição, denominada por Giddens (1995) como “amor confluyente”. Identificado pela vulnerabilidade presente na intimidade entre parceiros, o “amor confluyente” pressupõe um modelo de relação pura, em que o fundamental é o desejo de convívio humano. Nos dias de hoje, esse desejo é reforçado “pelo que cada um pode ganhar” e se “continua apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada uma, satisfações suficientes para permanecerem na relação”. (BAUMAN, 2004, p.111).

Giddens (1995) também denomina "relacionamento puro" o fato de as relações entre pares não se pautarem por padrões estabelecidos ou impostos pelo seu meio, mas sim por definições de seus parceiros em torno daquilo que consideram ser a qualidade intrínseca da relação. Ao referir-se a uma situação na qual se entra em uma relação social apenas pela própria relação, considera que essa só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes para permanecerem. Esta igualdade entre as partes é condição ideal para a manutenção da relação por ela própria e não por ideais sociais: filhos, interesses familiares ou econômicos.

Em sua análise sobre o casamento e o amor na contemporaneidade, Russell (1966) afirma que o amor só prospera enquanto livre e espontâneo, sem exigir obrigações e restrições morais entre as partes. Sobre o amadurecimento do matrimônio, o autor entende que “deve haver sensação de completa igualdade de ambos os lados; não deve haver interferência com a liberdade de cada um; deve haver a mais completa intimidade física e mental.” (1966, p. 96-97)

Essas transformações na vivência da intimidade amorosa propiciam condições de igualdade entre homens e mulheres, repercutindo na sociedade transformações de natureza ontológica e assegurando a democratização das relações pessoais, no sentido de igualdade de gênero. Dentre muitos modelos de relacionamento afetivo, surgem as parcerias homossexuais, os relacionamentos abertos e o recém-chegado movimento do poliamor. O fator mais relevante desses novos modelos de relação é a satisfação do indivíduo na dinâmica amorosa que ele/ela escolheu ter com o/a seu/sua parceiro/a, sendo gratificante enquanto ambas as partes estiverem satisfeitas. Desse modo, a sexualidade é explorada como um meio de auto-realização, expressão e intimidade, conceituado por Giddens (1995) como “plasticidade sexual”.

Nesse cenário, nota-se que apesar do indivíduo não ver mais o amor como premissa para um relacionamento estável com o parceiro, há uma tentativa de manter a paixão motivadora do querer estar junto por meio de ações que demonstrem carinho e desejo de estar com o outro. O sexo é uma prerrogativa da paixão, mas não a razão da relação afetiva estável. O amor puro hoje está presente na liberdade e no respeito ao “poder ser” (e não mais ao “ter que ser”). E o que pode se considerar característico de uma relação afetiva fiel é a cumplicidade entre os pares, reverenciada pela conquista da intimidade. Por conseguinte, a infidelidade ao parceiro não é medida diretamente por uma suposta traição, ela se dá pelo desrespeito à individualidade, comprometendo a confiança mútua, como confirma Giddens (1995):

Confiar em alguém significa renunciar à oportunidade de o controlar ou de forçar as suas atividades a encaixarem num modo particular. Não obstante, a autonomia assegurada ao outro não será necessariamente usada de modo a preencher as suas necessidades na relação. (GIDDENS, 1995, pg.97)

A busca pelo bem-estar individual muitas vezes contradiz o ideal de amor valorizado pelo homem, pois apesar do paradigma amoroso da intimidade visar o progresso dos casais e a manutenção de suas futuras famílias por meio desse sentimento, a valorização da individualidade está cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Um exemplo é a escolha do casal por não habitar em um mesmo ambiente ou até mesmo possuir duas casas próprias para variar de ambiente de convívio. Outro exemplo de preservação da autonomia é o “relacionamento aberto”, termo que justifica a não exclusividade sexual no relacionamento.



Analisando os fatores que concorrem para a construção do ideal de amor apresentado nos dias de hoje, é possível questionar os motivos que levam as pessoas a ter relações afetivas estáveis com seus parceiros, independentemente de seu gênero, e quais as características que as mesmas consideram singulares em sua relação amorosa.

Para melhor compreender essas razões e avaliar a singularidade presente nos modelos de relacionamentos afetivos da atualidade, foram analisadas as respostas de uma pequena amostragem de entrevistados na cidade de São Paulo. Foram selecionadas cinco pessoas homossexuais e cinco heterossexuais, entrevistadas por meio de pesquisa qualitativa contendo seis questões relacionadas às qualidades de sua relação afetiva com o parceiro atual. Com o consentimento dos participantes para a divulgação deste estudo, o material coletado via sistema Formulários Google<sup>4</sup> foi analisado por método qualitativo, com agrupamento de palavras-chave ofertadas pelas respostas individuais. Os nomes citados nesta pesquisa são fictícios, preservando o anonimato e a identidade dos entrevistados.

Em sua maioria, os entrevistados estão com seus parceiros há menos de cinco anos e possuem entre 30 e 50 anos de idade, com grau de instrução superior completo. A escolha do perfil de público se deu pela consciência adquirida por essa faixa etária em relação à sua liberdade de escolha sexual e afetiva. No entanto, ainda se supõe que uma parcela considerável desse grupo mantenha o interesse, herdado de sua geração anterior, em compartilhar uma relação estável com parceiros que almejam um progresso social e familiar nos moldes tradicionais.

A ambiguidade dos modelos sociais vividos pelo homem nesse período de transição entre as estruturas tradicionais de relacionamento humano e uma tentativa de volatilidade de valores a favor de uma maior liberdade de escolha é confirmada pela experimentação contínua do amor, do sexo e do erotismo. Esse último é compreendido como a principal mediação entre as identidades múltiplas e flexíveis das mulheres e dos homens pós-modernos. Bauman (2004) analisa a formação identitária do homem que hoje herda uma cultura que não pode modificar, porém, pode manipular atributos naturais a favor da sua liberdade de escolha:

Desse modo, não importa muito se as predileções sexuais (articuladas como “identidade sexual”) são “dons da natureza” ou “construtos culturais”. O que realmente importa é se cabe ao homo sexualis

---

<sup>4</sup> Ferramenta virtual gratuita de coleta e organização de informações em pequena ou grande quantidade.

determinar (descobrir ou inventar) qual (ou quais) das múltiplas identidades sexuais melhor se ajusta a ele ou ela, ou se, tal como o homo sapiens no caso da “comunidade de nascimento”, ele ou ela está destinado (a) a abraçar esse destino e viver sua vida de uma forma que transforme uma sina inalterável numa vocação pessoal. (BAUMAN, 2004, p. 73)

A metamorfose do homem defendida pelo autor, somada ao paradigma do ideal romântico confirmado por Giddens (1995) apontam para a plasticidade presente nas relações afetivas contemporâneas, que também se confirma por meio das respostas dos entrevistados na presente pesquisa. Quando questionados quanto ao perfil de seus relacionamentos afetivos, algumas qualidades de resposta confirmaram um ideal de amor puro: parceria e respeito, curiosidade recíproca e sintonia. Todavia, notam-se quesitos importantes da singularidade presente nas relações pós-modernas. Um exemplo foi dado por Camila, 39 anos, heterossexual, ao considerar “fora do padrão” o seu modo de convívio, justificado pela vontade do par em habitar em casas separadas, apesar de estarem oficialmente casados e com uma filha pequena.

Em análise dos dados, nota-se que o rompimento do padrão de vida conjugal foi referido na pesquisa somente pelos indivíduos heterossexuais, exemplificado na resposta de Raquel, 32 anos, ao definir o seu relacionamento como “uma loucura” e por André, 49 anos, como “casual”. A primeira justifica: “Acho uma loucura, não pelo lado negativo, mas por viver em momentos muito juntos e em outros, muito distantes”. Para André, a casualidade é identificada pela relação com mais de uma parceira cotidiana durante um período menor que doze meses.

Em contraponto, as considerações feitas pelos entrevistados com relação homoafetiva, referem-se à estabilidade da relação, tendo a fidelidade identificada como elemento característico da boa convivência, ainda que Giddens (1995) defenda que a exclusividade não seja um atributo de confiança, mas concorda ser um importante estímulo para ela.

O autor também considera que os homossexuais se sentem mais seguros quando os seus parceiros externam suas emoções entre si, não havendo a justificativa de confienciarem-se com amigos do mesmo sexo, já que assim se encontram identificados na relação. (GIDDENS, 1995). A importância da amizade entre os pares foi citada pelo grupo, confirmando o valor dado à comunicação emocional - identificada na relação pura - e à discussão aberta de suas vontades e anseios.



Ainda sobre o perfil dos relacionamentos, os entrevistados identificam suas relações afetivas como divertidas e curiosas, típicas da intimidade e da cumplicidade buscadas por um casal pós-moderno. O amor, a amizade, o carinho e o sexo compõem um conjunto importante de elementos vivos no ideal de relacionamento puro identificado no conjunto de respostas coletadas.

A compreensão do amor como sentimento da relação entre dois indivíduos pode atingir graus diferentes de intensidade e “não denota toda e qualquer relação entre os sexos, mas apenas aquela que acarreta considerável emoção, e uma relação que é tanto psicológica quanto física”. Na análise de Russell (1966, p.81-84), o amor combate a solidão que aflige os homens, estabelecendo o afeto que, quando mútuo, produz “um novo ser que se compõe de dois em um.”

Quando questionados sobre a interpretação da palavra amor, as qualidades apresentadas trazem ao termo uma conotação ampla e complexa sobre o sentimento. Caio compreende o amor como um desejo de compartilhar intimidade e carinho:

O amor nasce de um querer bem, de um carinho incondicional. Cresce com a vontade de querer compartilhar a intimidade, ou seja, o seu mundo interior. Poderia dizer que o amor num relacionamento afetivo é sintonia, é vibrar numa certa frequência. (Caio, 48)

Por outro lado, a liberdade individual é mencionada por Camila como condição para uma “parceria baseada em respeito e companheirismo”. Em sua resposta, Camila afirma que o amor verdadeiro prioriza a doação ao outro:

Quando sentimos amor pelo outro, queremos que o outro realize seus sonhos, sejam eles profissionais ou pessoais. [...] O amor verdadeiro viabiliza que vejamos o outro como parceiro, todavia que preserve sua individualidade também. (Camila, 39)

A associação do amor à construção conjunta, também mencionada por André, reforça a generosidade presente no sentimento, considerado por Chaves (2004) e citado por Amorim e Stengel, “o pilar do relacionamento amoroso baseado na reciprocidade quanto aos sentimentos” (2014, p.181). Esta mutualidade no “dar e receber” reverenciada pelo referido autor é avaliada por Bauman (2004) ao mencionar que “em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro”. (BAUMAN, 2004, p.11). O amor é citado por Juliana, 41 anos, como “um aliado à humildade e à

coragem”, qualidades favoráveis a um companheirismo na procura por “uma experiência considerada fascinante e sedutora”.

A generosidade referida por André também se faz presente na fala de Gisele, ao mencionar que o amor fraterno dos familiares do casal fortalece a relação e a encoraja a apresentar sua união para a sociedade. O sentimento de aceitação é percebido na fala de Gisele:

É o primeiro relacionamento que as pessoas da minha família e da família da minha namorada convivem e, mesmo vivendo um relacionamento gay, me sinto dentro de um padrão da "normalidade" da sociedade. É bem diferente de quando tive meu primeiro relacionamento com uma mulher. (Gisele, 36)

Preservar sua individualidade é condição primordial para a maioria dos entrevistados, corroborando com a valorização pessoal aqui já identificada. O respeito e o companheirismo face à manutenção da individualidade são citados por Gisele e reforçados por Raquel em suas respostas sobre os aspectos fundamentais de um relacionamento amoroso. Ao viver em casa separada de seu marido, Camila também assume a importância desse sentimento, preservado em quase cinco anos de relacionamento.

Munhoz (2001, p.31) interpreta a individualidade como condição instável e em constante reformulação, o que enfraquece os laços afetivos e os valores éticos das relações. “Aceitam-se a heterogeneidade, a descontinuidade e a efemeridade dos relacionamentos, como reflexo dos ideais da pós-modernidade. São fenômenos presentes nas formas alternativas de uniões.”

A autenticidade nas emoções é compreendida no namoro de Angélica, 33 anos, com a sua parceira atual, ao “não interpretar” o amor em sua resposta. Para ela, as risadas e o prazer na cama caracterizam sua relação, definida como “sexualmente ativa e divertida”. Por outro lado, Caio evidencia a singularidade de seu relacionamento ao revelar a vontade de querer estar junto ao par sem basear a relação no que denomina "argumentos-satélites": status social ou econômico, idade, etnia, "papel sexual" entre outros. “O que nos mantém juntos é a extrema curiosidade que temos de um sobre o outro”.

Nadine, 40 anos, identifica a sua relação heterossexual como customizada ao realizar “encontros amorosos” virtuais com o seu parceiro e, principalmente, pela

sensação de exclusividade interpretada nos elogios e atenção cotidiana que ela recebe também de forma virtual – o que considera “ações diferenciadas vindas de uma relação indefinida socialmente”: “Defino como encontros de alegria. A gente se fala todos os dias. Não há cobranças de fidelidade direta, mas nas conversas fica claro que somos só nós na relação”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual multiplicidade do ideário amoroso é evidenciada por valores de liberdade, individualidade e igualdade entre gêneros, revelando comportamentos diversificados de intimidade em novos arranjos de relações afetivas. A combinação de elementos “novos” e “antigos” busca formas particulares de expressão, valorizando a cumplicidade entre os parceiros em seus ideais de relacionamento. Essa ideia de customização é citada por Amorim e Stengel (2014) ao analisarem as relações conjugais na contemporaneidade e se aplica de forma conclusiva nesta pesquisa:

[...] a customização – como efeito da diversidade pós-moderna – irá, gradativamente, na construção da relação, possibilitar aos casais encontrar uma forma singular de relacionamento que supomos levar a uma satisfação mútua. (AMORIM e STENGEL, 2014, p.187)

Nesse cenário de singularidade, as variações analisadas em pesquisa facilitam o entendimento da manutenção do desejo sexual associada ao afeto e ao desfrute da companhia de alguém que satisfaça esses desejos, porém respeitando as diferenças individuais. Independentemente da configuração da união, a intenção do vínculo persiste, em uma tentativa de desfrutar de uma relação única, intensa e - por que não - romântica.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Ana Nascimento de. STENGEL, Márcia. **Relações customizadas e o ideário de amor na Contemporaneidade**. Estudos de Psicologia, 19(3), julho a setembro/2014, 157-238. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v19n3/03.pdf> Acesso em 12/10/2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Serviço Social em Revista. Volume 3, n. 2, p. 201-213, jan./jun. 2001. Disponível em [http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v3n2\\_genero.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm) . Acesso em 13/10/2015



DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ENGELS, F. **A Origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Transformações da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Celta Editora, 1995.

MEDINA, Lucas Ferreira. **Marx, as mulheres e o suicídio**. Sapere Aude – Belo Horizonte, v.4 - n.7, p.483-488. – 1º sem. 2013. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/5567/5510>. Acesso em 16/02/2016.

MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi. **Casamento: Ruptura ou continuidade dos modelos familiares?** São Paulo: Expressão & Arte, 2001.

RUSSELL, Bertrand. **O casamento e a moral**. Tradução Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.